

A “LIQUIDEZ” DO AMOR – EROS EM “A ETERNIDADE E O DESEJO”, DE INÊS PEDROSA

Jeane Reis ¹; Alessandra Leila Gomes ²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras com Língua Inglesa, Universidade Estadual de Feira de Santana e-mail: jeane_freitas@yahoo.com.br
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: allexleilla@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Eros, Contemporaneidade, Literatura.

INTRODUÇÃO

O presente estudo parte do pressuposto de que a modernidade, na esteira dos crescentes avanços tecnológicos e científicos, determinou a perda da consistência e da estabilização das relações humanas. E, a partir do pensamento de Erich Fromm (1983), considera-se que a história da humanidade, hoje, é pautada na luta entre o “Ser” e o “Ter”, no sentido de que a primeira disposição compreende uma abertura pessoal para relações de respeito e amabilidade entre os indivíduos enquanto que a segunda, posição hegemônica, representa a avidez humana pela pertença e posse, que transformou o próprio homem em objeto de uso destinado ao consumo simbólico.

Tal pensamento tem respaldo ainda nos fundamentos propostos por Zygmund Bauman (2008) que, nas suas análises acerca do progressivo declínio dos laços humanos na sociedade pós-moderna, lança mão da idéia de “liquidez” para definir/representar essa nova era do distanciamento valorativo, quando o homem despersonaliza-se e assume a condição de “coisa”, que depois de consumido no seu máximo é descartado e trocado por outrem.

Imerso nesse universo de impermanência e volatilidade que se tornara as relações afetivas na contemporaneidade, Bauman (2008) chama atenção para a efemerização do amor, que, conquanto seja ainda a essência das relações pessoais, passa a ser banalizado, uma vez que, como afirma, “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos” (p.29).

Nesse contexto, considerando a validade de textos literários para fomentar discussões relevantes em torno da problemática em questão, faz-se o recorte dos elementos poéticos e dramáticos do romance “A eternidade e o desejo”, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, a fim de analisar a dinâmica em que o amor é representado no discurso das personagens Clara, Sebastião e Emanuel que, na obra, dividem a ânsia da busca do verdadeiro amor demonstrando, por vezes, a consciência da efemeridade do mesmo, bem como sua complexidade

MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA

Aplicamos a este projeto, uma metodologia baseada, em um primeiro plano, na sustentação teórica da linha de investigação adotada mediante pesquisa bibliográfica, com base em pressupostos teóricos atuais, nas esferas dos estudos literários e culturais, com enfoque sobre a obra da autora Inês Pedrosa contextualizada ao romance português contemporâneo. A fragmentação das relações afetivas na pós-modernidade, neste caso, é um fenômeno analisado no plano da ficção a partir de analogias com o universo real, sem que a distância espacial dos acontecimentos implique em uma restrição para a discussão, uma vez que se compreende que tal fenômeno, como uma implicação do processo globalizante, é universal.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Os estudos acerca do amor e das suas representações no mundo ocidental, tradicionalmente, partem da tipificação proposta por Sponville (1995), que delimita-o nas formas *Eros* (amor romântico), *philia* (amor amigo) e *Ágape* (amor universal). Dessas três

formas usuais, a primeira – Eros – é a que mais se destaca nas representações artísticas e nos estudos de diversas áreas do conhecimento. Segundo Maria de Lourdes Borges (2004), isso deve-se ao fato de ser essa a manifestação mais perturbadora do amor, ou seja, aquela que continuamente provoca inquietação, conceituação, definição e, sobretudo, desejo de criação/representação.

Em *O Banquete* (1972), Platão nos diz que o amor – Eros – está relacionado ao reconhecimento de uma falta/incompletude. E, tal noção, no senso comum, desponta na “crença do amor romântico” que, fundada na busca de uma possível completude para a realização pessoal do ser, acredita na existência de uma provável “alma gêmea”, ou seja, no outro (amado) o sujeito (amante) se completaria – e atingiria a condição de felicidade.

Conquanto a modernidade aponte para a predominância de relações “líquidas”, essa crença ainda “sobrevive” na cultura ocidental contemporânea; agora, sob a perspectiva consumista; no sentido de que, alicerçados dentro dos moldes de uma sociedade de consumo, os relacionamentos amorosos configuram-se social e economicamente através de uma intensa e/ou até necessária profusão de desejos e destacam a opção dos indivíduos por um modo de vida livre, que permita o livre trânsito de afetos – constantes e desimpedidos.

Essa relação dos indivíduos com o amor e o desejo, na contemporaneidade, está bem expressa na obra da autora portuguesa Inês Pedrosa que, ao comentar a recorrência do tema em suas narrativas, destaca: “Interessa-me em particular a poesia e o tema do amor. Se existe nos meus livros alguma interrogação permanente é sobre o amor – como se faz que perdure?” Em *A eternidade e o desejo* (2008), *corpus* deste estudo, de certa maneira, ela responde com a negativa – o amor é, na sua essência, efêmero, não perdura.

Dialogando com o *Sermão de Nossa Senhora do Ó*, do Padre Antônio Vieira, que inspirou a obra, a dinâmica do amor-Eros é representada em *A eternidade e o desejo* (2008) através da relação vivida entre as personagens Sebastião, Clara e Emanuel, na seguinte ordem: Sebastião é apaixonado por Clara (protagonista), que finda por viver com Emanuel um relacionamento amoroso intenso, sob o qual, em consonância com as tendências da “modernidade líquida”, a autora ressignifica o amor sob a lógica do desejo. E, ao fazer tal representação, finda por consagrar, no espaço da narrativa, o que Platão (1973) nos diz, através do discurso de Sócrates, acerca do amor-Eros: amor é desejo e o desejo é falta. E, quando realizado, na sua essência ilusória e efêmera, culmina em sua própria extinção; de modo que, “está fadado ao fracasso (na vida) ou só pode ter êxito na morte” (SPONVILLE, 1995, p.129).

Como destacado, no trecho a seguir, a finitude do amor – das relações afetivas – é justificada no romance em voga, nas palavras da protagonista, como resultado direto da banalidade dos dias:

Amo-me muito melhor desde que te amo a ti – e é por isso que nunca deixarei de te amar, mesmo quando formos já só amigos. Só amigos, nunca mais seremos, tens razão: o prazer explosivo dos nossos dois corpos juntos iluminar-nos-á em definitivo, quando a isso a que chamamos amor se tiver despedaçado contra a banalidade dos dias, que é sempre maior do que a pobre vontade humana. Um dia Emanuel, o meu estômago deixará de estremecer a aproximação do teu perfume, o meu coração deixará de palpitar ao escutar os teus passos, e a minha cabeça terá de imaginar histórias perversas para que o meu corpo consiga molhar-se de desejo pelo teu. Nesse dia, espero que consigamos o feito da amizade. Espero que consigas gostar tanto de mim que transportes a lembrança do nosso encontro para o segredo da intimidade que depois de mim vais encontrar noutras mulheres. Pedes-me que me cale. Dizes que pensar no futuro arruína o encanto do presente. (PEDROSA, 2008, p. 163)

Aspecto que, segundo Bauman (2008), serve também para justificar a opção dos indivíduos, na contemporaneidade, por “relações líquidas” que, sobremaneira, fundam-se no medo de amar plenamente e, depois, vir a ser excluído.

Não obstante, como é possível observar ainda no trecho destacado, este medo de relacionar-se afetivamente não é compartilhado pela personagem de Pedrosa. Clara, embora consciente do possível fim do seu amor com Emanuel, acredita na permanência deste sentimento em um plano simbólico/eterno que, como destacado no título da obra, ancora-se na compreensão do amor como **desejo de eternidade**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inês Pedrosa, embora consciente da instabilidade dos laços afetivos, compreendendo o amor sob a lógica do desejo, em oposição a Bauman (2008), chamará de amor aos relacionamentos fundados por este, uma vez que considera a validade das impressões que cada união deixa no indivíduo, o que se fundamentaria como o fator mais relevante para existência de cada um, como deixa transparecer na obra em tela.

Compreende-se que na exposição das relações contemporâneas – na fragilidade destas – a autora escreve no sentido de apresentar uma nova perspectiva para encarar (suavizar) essa “realidade líquida do amor contemporâneo”, a fim de demonstrar que isso não é de todo ruim para as relações humanas (para os laços afetivos), mas uma condição natural das relações na pós-modernidade, visto que sob a epígrafe do desejo – da intensidade do momento em que acontecem os laços de afeto – considera que o amor, embora finito, pode ser compreendido como um sentimento “eterno”; no sentido de que, embora ele acabe naturalmente, a impressão da sua intensidade enquanto foi vivido, permanece como essência e norte dos amores que se sucedem na esteira líquida do universo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FROMM, Erich. *A arte de amar*. Trad. de Nilton Amado. 5.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.
- _____. *Análise do Homem*. Trad. de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- FURTADO, José Luiz. *Amor*. São Paulo: Globo, 2008.
- LAGUARDIA, Ângela Maria Rodrigues. “Fazes-me falta”, de Inês Pedrosa: Uma alegoria contemporânea da “saudade”. Belo Horizonte: UFMG, 2007, 126 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Letras: Estudos literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- MATOS, Marlise. *Reivencões do vínculo amoroso*. Cultura e identidade de gênero na modernidade tardia. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: IUPERJ/ Editora UFMG, 2000.
- PEDROSA, Inês. *A eternidade e o desejo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- PLATÃO. *O banquete*. In: *Diálogos*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril, 1972.
- ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no Ocidente*. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- SPONVILLE, André-Comte. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, São Paulo, 1995.